

UM BREVE HISTÓRICO DO GT DE TRADUÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁREA EM NOSSO PAÍS

Maria Paula Frota
Marcia do Amaral Peixoto Martins
(PUC-RJ)

Cristina Carneiro Rodrigues
(UNESP-RIO PRETO)

O ano de 1986 foi auspicioso para a área de tradução. Primeiro, porque a sua presença entre os vinte e um grupos de trabalho da ANPOLL veio a contribuir para seu reconhecimento institucional, além de proporcionar um espaço para o intercâmbio entre seus pesquisadores. Segundo, porque foi criada, em nível de pós-graduação, a primeira área de concentração em tradução do país, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP. Esses dois fatos foram fundamentais para o enfrentamento de um poderoso obstáculo ao avanço dos estudos sobre tradução: a inexistência de um lugar claramente demarcado nas instituições acadêmicas, levando-os a realizarem-se às margens da pesquisa que se desenvolve na área de Letras e de Linguística.

O entrelaçamento dos fatos ocorridos em 1986 e a dificuldade de enquadramento dos estudos de tradução podem ser dimensionados pela própria programação da ANPOLL: em 1987 o GT de Tradução aparece junto à programação de Letras e, nos anos subsequentes, junto à programação de Linguística.

A formação do GT de Tradução da ANPOLL foi sugerida pelo Professor Edson Rosa da Silva, da UFRJ, no I Encontro Nacional da ANPOLL. Sua primeira reunião foi em 1987, no II Encontro Nacional, na UFRJ, graças aos vários contatos feitos pelo Prof. Edson com professores de diferentes instituições do país. Nesse ano, a Professora Maria Candida Bordenave da PUC-RJ assumiu a coordenação do GT, e este voltou a se reunir no Encontro Nacional seguinte, em 1988, novamente na UFRJ. Em 1989 o GT se reuniu no IV Encontro da ANPOLL, realizado na PUC-SP. Nesses encontros, pesquisadores da área e convidados discutiram algumas questões gerais e apresentaram comunicações, publicadas nos *Anais da ANPOLL*.

O intercâmbio entre pesquisadores, professores e pós-graduandos ficava restrito aos Encontros da ANPOLL, não havendo articulação efetiva entre os membros. Foi essa

sistemática, entretanto, que permitiu a reunião de pessoas de todo o país interessadas em trocar informações que pudessem contribuir para os estudos de tradução. O espaço proporcionado pelo GT foi fundamental para que pesquisadores dispersos em várias instituições se conhecessem e passassem a pensar em esboçar propostas que viessem reverter a condição de marginalidade em que a área se encontrava. Os primeiros passos nesse sentido haviam sido dados.

A etapa seguinte constituiu-se na própria reestruturação do GT. A Professora Rosemary Arrojo, da UNICAMP, eleita coordenadora em 1989, sugeriu, no Encontro Nacional realizado em Recife em 1990, que o GT passasse a funcionar de maneira descentralizada. Consideradas a impossibilidade de encontros regulares, devido à grande extensão do país, as limitações decorrentes da centralização dos trabalhos e decisões nas mãos de um único coordenador bem como a necessidade de mapeamento, organização e fortalecimento dos diferentes grupos de professores e pesquisadores em tradução, foram criadas as coordenações regionais -- os GTs regionais. Assumiram essas coordenações as pessoas que puderam estar presentes ao V Encontro: Rosemary Arrojo somou a coordenação nacional à de São Paulo; Deisa Chamahum Chaves, da UFOP, assumiu a coordenação regional de Minas Gerais; a Professora Sara Viola Rodrigues, da UFRGS, a do Rio Grande do Sul; e Maria Paula Frota, da PUC-RJ, a do Rio de Janeiro. Dessa forma o GT pôde passar a funcionar de modo mais produtivo e ágil.

No biênio 1990-92, as coordenadoras organizaram Encontros Regionais que tiveram como tema "A estrutura curricular viável dos cursos de tradução". A temática proposta reuniu pesquisadores e professores de diversas instituições acadêmicas, cujos pontos de vista, levados ao VII Encontro Nacional, em Porto Alegre, em muito enriqueceram a reflexão sobre a problemática da inserção desse campo de estudo nas universidades, em particular nos Departamentos de Letras e Linguística. As discussões mantidas também atingiram o objetivo de iniciar o mapeamento das instituições em que a tradução vem sendo trabalhada e de organizar grupos antes dispersos e, portanto, desconhecidos das atividades uns dos outros. A descentralização, além de permitir a troca entre estudiosos da tradução, mostrou a grande quantidade de pesquisas em andamento e suas abordagens diversas.

Em Porto Alegre, Maria Paula Frota foi eleita coordenadora nacional; Rosemary Arrojo e Deisa Chamahum Chaves haviam sido reeleitas em seus GTs regionais; Ângela Corrêa, da UFRJ e Helga Prade, da UFSM, passaram a coordenar, respectivamente, o GT do Rio e o do Rio Grande do Sul. Nesse Encontro foi definida como nova linha de pesquisa para o biênio "A integração da teoria à prática da tradução", com a proposta de que os trabalhos mais significativos, desenvolvidos nas diferentes regiões, viriam a ser apresentados no IX Encontro Nacional e selecionados para publicação nos *Anais*.

Ainda no VII Encontro, constatou-se que, felizmente, torna-se cada vez mais rara a visão da tradução como atividade que prescinde de reflexão e pesquisa. Considerou-se extremamente positiva a multiplicação dos cursos de tradução que vem ocorrendo em todo o mundo, pois a partir dela já podemos constatar uma melhor qualidade dos trabalhos realizados por tradutores profissionais, o desenvolvimento de investigações científicas que questionam e redefinem o papel histórico da tradução em nossa sociedade e a criação de frentes institucionais que congregam e organizam tradutores e estudiosos da tradução. Com tudo isso, a tradução finalmente vem deixando de ocupar espaço marginal nas universidades e na sociedade em geral. Cada vez mais é reconhecida como uma atividade fundamental à nossa história e, como qualquer outra prática humana, necessariamente imbricada a diferentes ideologias, interesses políticos e modos de conceber não só a linguagem, como a si mesma. A tradução passa a constituir área de inegável riqueza não só para o desenvolvimento de investigações acerca dela própria, quanto de investigações que têm como objeto outros conhecimentos e práticas produzidos pelo homem. Essas foram as idéias e constatações que, explicitadas, vieram a nortear o trabalho subsequente dos GTs regionais.

Como decorrência do trabalho desenvolvido e do intercâmbio entre pesquisadores, fundou-se, em 1992, durante o II Encontro Paulista de Pesquisadores em Tradução, organizado pela coordenadora regional do GT de São Paulo, a Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução (ABRAPT). Mario Laranjeira foi eleito seu presidente e Rosemary Arrojo, vice-presidente.

No IX Encontro Nacional da ANPOLL, realizado em Caxambu em 1994, o GT reuniu cerca de 40 pesquisadores que apresentaram trabalhos, participaram de mesas-redondas e desenvolveram reflexões sobre a situação atual da área.

A partir das discussões realizadas, o GT definiu como prioridade, para o atual biênio, a criação de espaço acadêmico próprio. Isto porque em geral a tradução encontra-se disseminada nas mais diversas áreas, constituindo, na melhor das hipóteses, uma linha de pesquisa. O fato de a tradução não figurar dentre as áreas de concentração dos estudos da linguagem resulta em que os trabalhos desenvolvidos apareçam como produção de outros campos, além de os especialistas não terem um lugar para sua atuação acadêmica específica. Inserido em cada instituição como subdomínio de determinada área, o estudo da tradução acaba por se ver privado de um intercâmbio interdisciplinar efetivamente profícuo. Nesse sentido, decidiu-se por apontar a seguinte linha de pesquisa para o biênio: "A tradução como área de convergência multidisciplinar".

A escolha dessa linha foi regida por seu caráter amplo, podendo ser desenvolvida de modo compatível com as especializações dos membros do GT, que vão desde a teoria da tradução -- abordagens semiótica, psicanalítica, filosófica, literária, lingüística -- até o ensino e a aprendizagem da tradução, a lexicologia e a lexicografia contrastiva.

Durante o IX Encontro Nacional da ANPOLL Cristina Carneiro Rodrigues, da UNESP-Rio Preto, foi eleita coordenadora nacional; Nícia Adan Bonatti, da UNICAMP, já havia sido eleita coordenadora do GT de São Paulo; Marcia do Amaral Peixoto Martins, da PUC-RJ e da Faculdade da Cidade, do Rio de Janeiro; Erica Foerthmann Schultz, da UFRGS, do Rio Grande do Sul; e Else Ribeiro Pires Vieira, da UFMG, de Minas Gerais.

A continuidade do intercâmbio entre os membros em cada região e a integração de novos membros, buscando consolidar o GT enquanto lugar de discussão, de produção e de divulgação de pesquisa foi considerada prioritária para o biênio 1994-96. Além dos encontros e reuniões nos Estados em que o GT já atua, prevê-se a criação de coordenações regionais em outros Estados em que se desenvolve pesquisa na área.

As perspectivas são de que, cada vez mais, as reuniões do GT sejam para a discussão de pesquisa em andamento e de questões referentes aos programas de graduação e pós-graduação, assim como para o planejamento de trabalhos integrados. Assim, o GT projeta a efetiva articulação entre seus membros -- pesquisadores, professores e pós-graduandos -- e associações, tendo como meta a criação de um espaço acadêmico próprio e a conscientização sobre as valiosas contribuições que o estudo da tradução pode trazer para os estudos da linguagem e da literatura.

BIBLIOGRAFIA

ARROJO, R. (coord.). GT-Tradução. In: Encontro Nacional VII, 1992, Porto Alegre. *Boletim Informativo* v. 17. Porto Alegre: ANPOLL, 1992. p. 159-161

TEIXEIRA, R.F.A. As prioridades de pesquisa dos GT's da ANPOLL. *Boletim Informativo ANPOLL*. Brasília/Goiânia, v. 21, p. 35-65, 1994.